

Sobre a televisão

Federico Fellini

(extraído do livro *Faire un film*, Einaudi, 1980).

Tradução de Stella Senra

Vocês já passaram uma tarde inteira de domingo diante da televisão? Circula nos diferentes programas uma atmosfera de distensão dominical cheia de boa vontade. Um ar de festa, uma petulância obrigatória, um tom de divertimento mais que generoso (por que o supomos mais merecido?): na verdade tudo isto parece sublinhar de maneira exemplar o caráter lúgubre, depressivo, hipnótico, característico de qualquer trecho consistente de usufruto televisual... (...). E o espectador afunda-se na animação de uma tarde, irreal e falante, como são esses locais de recreação nos asilos, nos hospitais, nos hospícios, lugares onde a vida foi de certo modo interrompida, alienada, levada à decadência, ausente: subsiste dela apenas um eco, um reflexo monstruoso. Ao fim de um certo tempo, naquele que olha, apenas o olho, na sua estupidez, na sua atonia continua a registrar o que se desenrola diante dele: uma espécie de titilação visual que não atinge mais nada, nem o sentimento, nem o intelecto: poder-se-ia ficar diante da televisão cinco horas, cinco dias, cinco anos.... O único ponto positivo – se o

espectador consegue se manter além desse campo magnético – é a possibilidade de fazer uma experiência de análise psicológica: estudar um rosto, o embaraço de um primeiro plano fixo e cruelmente prolongado; espreitar como a pessoa engole sua saliva; decifrar seu pavor, sua esperança, sua decepção, sua mortificação. A observação pode ainda fornecer os elementos de uma enquete sociológica: uma emissão de televisão vai frequentemente bem além das intenções daqueles que a animam, e deixa aflorar, como numa radiografia, realidades bem diferentes e bem significativas: por trás do verniz espetacular, da efervescência, da aparente negligência de “Canzonissima”, ou de programas do mesmo gênero, como não entrever a preguiça mental, a vulgaridade, a subcultura, as piscadelas de olho e os pobres artifícios, a imaturidade, o infantilismo de um país que permaneceu no estado histórico do pós-guerra e até do pré-guerra? Esta imagem retrógrada mas autêntica que circula como um leve fantasma sinistro em tudo o que nos representa é tão mais mortificante na medida em que a embalagem brilhante, desenvolta, moderna, que gostaria de dissimulá-la consegue apenas prolongar interminavelmente a sua decomposição. Na televisão, como em todo o resto, nós nos limitamos a assistir a um inesgotável rito fúnebre travestido em music-hall.